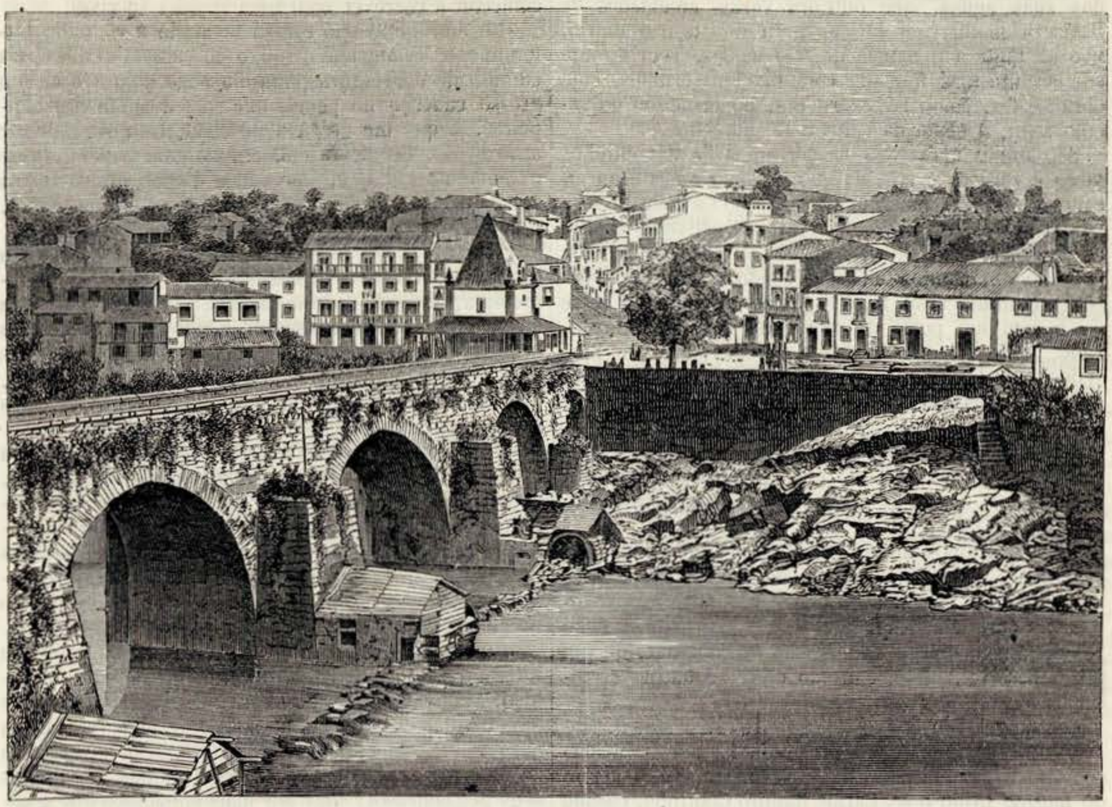


Barcellinhos

A povoação d'este nome é um arrabalde da antiquissima villa de Barcellos. Está sentada em frente d'esta na margem esquerda do Cávado, que ora é um pouco elevada, ora quasi ao nivel do rio. Une o arrabalde á villa uma bella ponte de pedra, solidamente construida, e de fundação tão antiga, que se lhe attribue origem romana, mas tem sido reedificada em differentes epochas. De uma parte dá entrada a ponte em Barcellos por uma rua, á qual ficam sobranceiras as ruinas do paço dos duques de Bragança, e a collegiada de Santa Maria Maior. [1] Da outra parte vae terminar no centro de Barcellinhos, cuja casaria se estende por ambos os lados d'ella ao longo do rio, subindo d'ahi para o interior por uma suave collina, onde as casas se entremeiam com os arvoredos. Assim está o arrabalde offerecendo á visinha villa uma perspectiva risonha e pittoresca, de que é fiel retrato a nossa gravura, pois que foi copiada de uma photographia habilmente executada pelo sr. Seabra.

Constitue Barcellinhos uma freguezia com mais de duzentos fogos. A egreja parochial é da invocação de Santo André, e chamava-se outr'ora *Santo André de Mareces*, nome que lhe proveiu de um pequeno logar, habitado principalmente por serralheiros, que fica perto de Barcellinhos, e ao lado da estrada que conduz á Povoa de Varzim.

Contam-se em Barcellinhos diversas ermidas, das quaes nomearemos uma por ser mais notavel, tanto por antiguidade, como por sua architectura original. Esta ermida, que avulta no meio da gravura que publicâmos, intitula-se *Nossa Senhora da Ponte*, cujo sobrenome tira da situação em que se acha. O corpo principal da ermida é da feição de uma torre quadrangular, e remata em uma cupula pyramidal de quatro faces, com seus ornatos de pedra nos angulos. Em volta, junto ao envasamento, cérca-a uma varanda de pedra, coberta com alpendrada que sobe até meia altura das paredes.

O edificio não mostra na sua architectura muita antiguidade, o que é devido ás reconstrucções que tem tido, entretanto a sua fundação é muito antiga. No começo do seculo XV já era tão procurada do povo, como milagrosa, a imagem de Nossa Senhora da Ponte, que se venerava n'aquella ermida, que D. Affonso, filho bastardo del-rei D. João I, e que n'esse tempo era conde e senhor de Barcellos, e mais tarde primeiro duque de Bragança, tratando de dar brazão de armas a esta sua villa, mandou que figurasse no escudo, no logar mais nobre, em campo azul, a ponte e a ermida com um carvalho ao pé da porta, e por cima tres escudos pequenos em faxa, os dois lateraes com as quinas do reino, e o do meio com uma aspa vermelha em campo de prata, que era o brazão de D. Affonso.

Na torre da casa da camara vê-se este brazão de Barcellos esculpido na pedra. Em um livro, que se guarda no archivo da Torre do Tombo, feito no reinado de D. Manuel, e no qual estão desenhadas e illuminadas as armas das principaes terras do reino, e das suas possessões de além-mar, acha-se pintado de modo differente o escudo de Barcellos. N'este apparece a ponte e uma arvore com pomos de oiro, mas sem a ermida, tendo por cima dois castellos de prata, e sobre estes os tres escudos na fórma descripta. To-

[1] Vid. a gravura a pag. 369 do vol. IV.

davia o primeiro merece mais credito; e não é só n'este caso que o auctor da citada obra caíu em notaveis inexactidões.

Barcellinhos é terra abundante de agua. A sua *fonte de Ninaes* é tão celebrada pela bondade e frescura das suas aguas, que outr'ora varios arcebispos de Braga a mandavam buscar para o seu uso diario, não obstante a distancia de tres legoas. Tem a fonte sua architectura floreada com diversos ornatos, cuja obra se fez, como reconstrucção, no principio do seculo XVIII, á custa da camara de Barcellos.

São muito aprazíveis as cercanias de Barcellinhos pelos arvoredos e regatos que dividem e fertilisam os campos, e pelas margens risonhas do Cávado. Se fôra n'outro paiz, onde o bem geral não estivesse sujeito ao interesse particular, este rio serviria de grande proveito ao commercio, offerecendo a muitas povoações communicação facil e pouco dispendiosa entre si, e com um porto de mar, pois que a foz do Cávado, entre Fão e Espozende, apenas dista de Barcellos uns 16 ou 17 kilometros. Porém estas vantagens, e outras mais, que dizem respeito especialmente á agricultura, á qual livrariam ou, pelo menos, diminuiriam os damnos das cheias, são sacrificadas á conservação dos açudes, que obstruem a cada passo o alveo do rio, como se póde observar em a nossa gravura, junto da ponte.

N'estes ultimos annos pretendeu-se providenciar a este mal, e alguns trabalhos de canalisação se emprehenderam. Porém levantou-se a opposição dos interesses particulares offendidos, e o bem publico ficou vencido, sem que se tratasse de os conciliar, de um modo possivel, justo, e usado entre as nações civilisadas.

Por decreto de 3 de junho de 1841, a sra. D. Maria II, de saudosa memoria, creou 1.° barão de Barcellinhos a Manuel José de Oliveira. Hoje é 3.° barão do mesmo titulo o sr. Carlos Ramiro Coutinho, casado com a viuva do 1.° barão.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 170)

XIV

«Quando cheguei ao alojamento do meu novo dono, percebi que a minha posição não melhorára consideravelmente. A mobilia da casa não era muito mais numerosa, do que a da miseravel agua-furtada, d'onde eu saíra n'esse mesmo dia. Uma estante de pinho, vergando ao peso dos livros, e uma mesa cuja superficie desapparecia debaixo de uma triplice camada de papeis, ahi tem quaes eram os moveis principaes d'aquella casa.

«O resto da mobilia, se o meu amigo quizer absolutamente uma descripção á Balzac, compunha-se de um leito de ferro, e de duas cadeiras de pinho, uma das quaes se distinguia pela ausencia de um pé, o que lhe dava as prerogativas de tripode, e a outra primava na singular docilidade com que se domava a todo o corpo que se lhe pozesse em cima; porque se prostrava immediatamente no chão em signal de obediencia. Confesso que, quando o meu generoso possuidor atirou commigo para a tal cadeira nimiamente flexivel, receei que, apesar da minha leveza, obrigasse o pobre movel a dar provas da sua habilidade gymnastica.

«O meu proprietario, assim que entrou, despiu o casaco e atirou com elle irreflectidamente para cima da cadeira cortez, onde eu, por minha desgraça estava tambem collocada. Receber o casaco, fazer um *plié* com toda a habilidade de um mestre de dança, e ir parar ao chão arrastando-me na quéda, foi uma e a mesma coisa para a cadeira. O meu dono nem reparou em tal, e, dirigindo-se logo para a outra, sentou-se á mesa, pegou n'uma penna, molhou-a no tinteiro, e começou a escrever com uma rapidez incrivel.

«Eu entretanto não estava lá muito á vontade. Litteralmente esmagada debaixo do casaco, tinha, para cumulo de desventuras, mesmo encostado a mim um grosso caderno de papel, que saía de uma das algibeiras, e que me pregava no chão, comprimindo-me atrozmente. Eu ficára embirrando com papeis, desde o momento em que, por causa d'elles, fôra expulsa irrevogavelmente da casa dos meus primeiros donos, e ai! sem esperança de para lá voltar.

«Mas, ainda que eu não tivesse essa justificadissima prevenção contra a papelada, bastava a attitude aggressiva, que este caderno tomára para commigo, para eu ficar odiando mortalmente a sua raça. Debalde eu gritava, ralhava, resmungava, fazia esforços inauditos para me desembaraçar do peso que me opprimia, tudo era inutil. O caderno era inflexivel, e o casaco ainda mais. Não tive remedio senão resignar-me.

«Vendo-me socegada, o caderno de papel começou a entabolar umas taes ou quaes relações commigo. Percebendo que, por fim de contas, a melhor resolução, que eu podia tomar, era corresponder á amabilidade com que me tratavam, troquei algumas palavras com elle, primeiro n'um tom bastante sêcco, e a pouco e pouco mais agradavelmente. Em fim d'ahi a cinco minutos estavamos os melhores amigos d'este mundo.

«Foi então que elle me disse que o seu dono era litterato, como quem diz, não tinha officio nem beneficio. Andava sempre abundantemente provido de idéas e de dividas. As idéas eram sublimes, as dividas eram pasmosas. Nem por umas nem por outras havia quem désse dez réis. Tinha por costume confiar ao papel os seus pensamentos; mas por mais empenhos que o papel almasso mettesse com o papel de imprensa, nunca tinha conseguido que este se encarregasse de repartir com elle as honras da confidencia. Não porque o litterato não tivesse talento; pelo contrario asseverava o papel que tinha muito; mas infelizmente como ainda não se descobrira o meio de se começar a escrever pela segunda obra, e os editores queriam unicamente imprimir os seus escriptos se elle já fosse conhecido, o homem estava sériamente ameaçado de nunca os ver em letra redonda.

«Em compensação, um editor Mecenas, um protector das letras com loja de livros n'uma escada, offerecêra-lhe o honroso logar de traductor dos romances de Paulo de Kock, e de outros notaveis escriptores francezes, com o pingue ordenado de tres mil réis por mez. Este homem era tido pelos seus collegas como um perdulario.

«Outro editor, ainda mais estroina ou mais inexperiente, concebêra a atrevida idéa de tentar fortuna imprimindo as obras do pobre diabo. Pedira-as para as ver, pedido que ia dando com o escriptor em doido... de alegria, e mostrou-as a um entendedor seu amigo. Este folheou os differentes cadernos por espaço de cinco minutos, e devolveu-os ao livreiro, asseverando que o rapaz tinha uma letra tão boa, que não podia nunca chegar a ser um grande escriptor, o que fez com que o bom do emprezario de litteratura devolvesse os cadernos a quem os escrevêra, offerecendo-lhe ao mesmo tempo um logar de caixeiro.

«O litterato atirára com os cadernos á cara do editor, depois com os livros que achou á mão, e já baloiçava a cadeira gymnastica para lhe fazer tomar o caminho que haviam tomado os livros e os papeis, quando o bom do editor descia os ultimos degraus da escada, e sacudia o pó das suas sandalias á porta de casa tão pouco hospitaleira.

«O que o caderno meu visinho me affirmou (e devo dizer de passagem, que fôra elle um dos projectís de que o seu dono se servíra, um dos navios encarregados de operarem um reconhecimento nas costas editoraes) o que elle me affirmou foi que, se o nosso homem não sacudisse tão depressa o pó das suas sandalias, o escriptor vinha-lhe a sacudir mas era o pó da sobrecasaca.

«Aqui está em resumo o que me narrou o meu officioso visinho.

«Não tentarei descrever a vida que eu passei durante dois ou tres mezes em casa d'esse seu collega. Póde imaginar qual era; repouso completo, inercia absoluta. Collocada na estante, alli passei todo o tempo, sempre socegada, sempre vasia, conversando muito com os livros meus visinhos, que me ensinaram tudo quanto eu sei, e me fizeram adquirir a erudição que tanto o admirou, e vendo o meu dono passeiar no quarto, sempre agitado, e sempre procurando alguma coisa, ou uma rima, ou um lenço de assoar, ou um editor.

«Rimas encontrava elle quasi sempre, lenços de assoar algumas vezes, editores nunca!

«A traça fôra o editor unico d'aquelles papeis.

«Um dia foi elle tambem procurado por uns sujeitos, que lhe apresentaram um papel sellado, e que lhe disseram serem elles os encarregados pelo sr. Bartholomeu Nunes, de proceder a uma penhora por causa de não sei quantos mil réis que elle devia ao dito senhor.

«O meu dono não fez a minima objecção, pegou no chapéo, e saiu dizendo:

—«Escolham o que quizerem.

«Coisa que elles não o obrigaram a repetir. Percorreram minuciosamente todos os cantos e recantos. Nada lhes escapou. Tudo inventariaram, tudo levaram. Eu, já se vê, não escapei ao desastre; lá fui envolvida com os livros, e sabe quem eu vi tambem no frete?

«A celebrada cadeira das mesuras. Até isso lhes servíra!

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

A SCIENCIA NA EDADE MÉDIA

E AS ENCYCLOPEDIAS D'ESSE TEMPO

(Vid. pag. 143)

II

Alberto Magno era um dos mais laboriosos alchimistas do seculo XIII. O seu fito era sempre esta *Chrysopéa* phantastica, esta maravilhosa arte de fazer oiro, este supremo *desideratum* dos que sonhavam pela abundancia do metal precioso a regeneração economica da humanidade, esta especie de vago presentimento dos thesouros auriferos do Novo-Mundo, destinados a operar uma nova revolução na sociedade, e a aguçarem a cubiça dos conquistadores na sua empreza de devastação e de exterminio.

Se não ha demasiada temeridade em affirmar com Puchet [1] que as sciencias naturaes datam de Alberto o Magno a sua indole experimental, não se póde contestar ao illustre dominicano de Colonia a gloria de ter esquecido muitas vezes a auctoridade de Aristoteles, para adiantar nas vias pouco lustradas da observação e da experiencia, mais alguns passos do que os seus predecessores.

Se o seu tratado *de Alchimia* e *de Philosophorum lapide (da pedra philosophal)*, rendêra a par de algumas noções uteis o preito universal dos sabios da edade média á chimerica empreza da transmutação; se o seu *Physicorum* rasteja muitas vezes servilmente em paginas prolixas pela doutrina physica do velho naturalista de Stagyra; se o seu tratado de *Animalibus* se limita a commentar a sciencia zoologica de Aristoteles e a perpetuar os erros que as fórmulas escholasticas, na sua apparatosa variedade, não podiam corrigir; se o seu opusculo *de Mineralibus* se reduz quasi inteiramente a uma enumeração alphabetica dos mineraes conhecidos desde a antiguidade, e registados por Theophrasto e por Plinio em suas historias, não se póde negar ao incançavel e venerando bispo de Ratisbonna o haver enriquecido a sciencia com observações de extrema sagacidade, as quaes preludiavam o fecundo movimento scientifico inaugurado pela philosophia experimental de Francisco Bacon, de Descartes e de Galileo. Além das reflexões que o sabio dominicano de Colonia nos deixou ácerca da estructura das plantas e da physiologia vegetal; além das preciosas observações que a respeito dos climas e da distribuição do calor no nosso globo, nos legou no seu *Liber cosmogonicus de natura locorum* (Livro cosmogonico da natureza dos logares) a sciencia attribue-lhe o haver descoberto para a preparação da potassa caustica o processo que ainda hoje se pratica em nossos laboratorios.

Alberto Magno, apesar da vastidão encyclopedica dos seus conhecimentos, apesar da energica actividade em que o seu espirito se revelou gigante, para aquelles tempos, lustrando todas as provincias do saber divino e profano, apesar de ter deixado nas suas obras completas, estampadas em 26 volumes de folio, amplissimos tratados sobre as sciencias philosophicas e theologicas, em que teve por discipulo a S. Thomaz de Aquino, cognominado o doutor angelico, não redigiu uma obra destinada a compendiar n'uma encyclopedia resumida tudo quanto se sabia na sua epocha.

III

Do mesmo seculo de S. Alberto o Magno, Roger Bacon foi para a ordem dos franciscanos o que o bispo de Ratisbonna para a ordem não menos illustre dos prégadores. «Roger Bacon, contemporaneo de Alberto Magno, diz A. de Humboldt [1], póde ser considerado como a mais notavel apparição da edade média, no sentido de haver mais do que ninguem directamente contribuido para accrescentar as sciencias naturaes, para fundal-as sobre a base das mathematicas, e para provocar os phenomenos pelos processos da experimentação. Estes dois homens enchem quasi todo o seculo XIII. Mas Roger Bacon sobreleva ao dominicano em haver exercido pelo methodo por elle applicado ao estudo da natureza, uma influencia mais util e mais duravel do que a propria, que com mais ou menos fundamentos se tem attribuido aos seus descobrimentos. Apostolo da liberdade de pensar, combateu a fé cega na auctoridade da eschola».

Um escriptor francez, mr. Émile Saisset [2] acha porventura demasiada a preeminencia votada pelo sabio prussiano ao benemerito franciscano de Ilchester. Não se póde todavia contestar que d'entre os vultos intellectuaes do seculo em que elle floresceu, sobresae illuminada pelos primeiros clarões da moderna sciencia experimental, a figura magestosa do illustre mendicante. Pensador arrojado e revolucionario, póde dizer-se que Roger Bacon se desprende do seu tempo e se emancipa dos preconceitos e dos erros dos seus contemporaneos, para reivindicar para o genio do homem a faculdade illimitada de subjugar a natureza, e de elevar-se pelo raciocinio ás mais eminentes con-

[1] *Histoire des sciences naturelles au moyen age ou Albert le Grand et son siècle, considérés comme point de départ des sciences experimentales.*

[1] *Cosmos.* T. II, p. 300. Trad. franceza de Galusky et Faye.

[2] *Roger Bacon. Sa vie et son œuvre. Revue des deux mondes* de 15 juillet 1861, p. 362.

cepções. A sciencia encarna n'este homem admiravel na plenitude do seu caracter encyclopedico. A theologia, a philosophia, as mathematicas, a astronomia, a chimica, as sciencias naturaes, concorrem irmãmente nas lucubrações d'aquelle espirito fecundo. Perseguido como Abeylard, da primeira vez, sendo ainda geral dos franciscanos, o *doutor seraphico*, S. Boaventura; a segunda sob o generalato de Jeronymo de Ascoli (depois assumpto ao summo pontificado com o nome de Nicolau IV), Roger Bacon tem com o malaventurado amante de Heloisa mais de uma notavel similhança espiritual.

Ambos elles ousaram, um nas trevas do seculo XI, outro nas sombras do seculo XIII, formular resolutamente os principios de livre exame, e collocar a razão e a critica acima da auctoridade inexoravel e da fé apaixonada dos seus contemporaneos e dos seus antecessores. Abeylard no seu memoravel tratado do *Sic et Non* (o *Sim* e o *Não*) assentou os principios da critica sagrada, e lançou os fundamentos da moderna exegese na interpretação dos textos evangelicos e das opiniões dos santos padres e doutores. Roger Bacon, levantando o grito de insurreição contra a doutrina de Aristoteles, traçou o caminho á intelligencia no descobrimento das verdades experimentaes. Ambos elles pozeram a duvida como germen fecundo da sciencia. Se Abeylard, pelas tendencias ousadamente innovadoras da sua theologia, foi, apesar das suas intenções piedosas e orthodoxas, o precursor de Luthero, Roger Bacon adivinha Galileo, e ambos recebem anticipadamente o clarão indeciso da mesma luz esplendida que mais tarde illuminou o genio de Descartes, e deixou ler, em toda a sua evidencia regeneradora, a carta magna onde estava escripta a emancipação do pensamento.

Contemplemos a vehemencia, a convicção e a audacia com que Roger Bacon profere a sentença condemnatoria da doutrina aristotelica, então reputada o só peculio intellectual da humanidade.

Não ha, não póde haver philosophos infalliveis. Quaes são os titulos com que Aristoteles mantem a sua tyrannia? Era sabio? Sem dúvida. Mas foi-o no seu tempo. Os dois grandes representantes da sciencia aristotelica na civilisação arabe, Averroes e Avicena (Ibn Roschi e Ibn Sina), commetteram erros gravissimos. Os proprios santos não foram exemptos d'elles. Quantas vezes se enganaram e se retractaram, como testimunham tão graves e venerandos doutores, quaes foram S. Agostinho e S. Jeronymo, ambos aguias, um da egreja latina, o outro da egreja grega. Ha de respeitar-se a philosophia aristotelica porque é antiga? São respeitaveis, sem dúvida, os antigos. A elles lhes devemos gratidão, porque nos alumiaram no caminho. Mas não nos deslembremos de que foram homens, e que como homens se enganaram muitas vezes. São tanto mais numerosos os seus erros, quanto elles são mais antigos, porque os *mais novos são realmente os mais velhos*. As gerações modernas devem ter em luzes a preeminencia sobre as que lhes succederem, porque vão sendo as herdeiras dos trabalhos do passado». [1]

As opiniões de Bacon ácerca de Aristoteles não o inhibem de professar uma grande veneração pelos escriptos authenticos do philosopho de Stagyra. Roger Bacon protesta principalmente contra as viciosas e erroneas versões do grande encyclopedista grego, e mostra a ignorancia dos traductores, principalmente de Miguel Scott. No seu zelo contra os absurdos dominantes nas escholas, o ardente doutor de Oxford chega a manifestar, em uma carta sua ao papa Clemente IV, o desejo «de queimar todos os livros de Aristoteles, para impedir a propagação dos erros entre os estudantes do seu tempo».

[1] Bacon. *Compendium Philosophiæ*, cap. II.

IV

O principal merito de Roger Bacon é o de ter sido o iniciador da philosophia experimental, o primeiro regenerador das sciencias, e o de ter formulado os primeiros theoremas d'esta que póde chamar-se a critica da natureza, d'esta sciencia que, estudando os phenomenos pela observação, ou provocando-os pela experiencia activa, se levanta, com o auxilio do raciocinio e do calculo, até ao conhecimento das leis que regulam a natureza (*canones universales regulæ*).

«A sciencia experimental, diz Roger Bacon, é quasi inteiramente ignorada pelo vulgo dos escholares. Ha, porém, dois modos de conhecer, um por argumento e raciocinio, o outro por experiencia. Mas *sem a experiencia* nada se póde saber sufficientemente. O argumento conclue, mas não certifica, nem remove a dúvida, de modo que o espirito só póde repousar na intuição da verdade, depois de a haver buscado pelas vias da experiencia. [1]

Era um grande e illuminado espirito aquelle que, desde o estreito recesso de uma cella monastica na torre de Oxford, entre os pergaminhos escholasticos e as retortas onde proseguia a transmutação dos metaes, dilatava as vistas propheticas até aos horisontes mais esplendidos da sciencia moderna, e aos prodigios admiraveis da industria dos nossos dias. Para Roger Bacon nada ha na natureza que o espirito humano não deva subjugar. Os milagres são possiveis, porque não são mais do que o resultado do poder imperativo do espirito sobre os phenomenos naturaes. [2] Conhecer o universo será o mesmo que conquistal-o, conquistal-o equivalerá a operar os que hão de parecer milagres da intelligencia e do trabalho humano. «Fabricar-se-hão, diz Bacon [3], instrumentos para navegar sem o auxilio de remadores, e para que os maiores navios possam vogar tendo um só homem de tripulação, e movendo-se com maior velocidade do que se levassem muitos mareantes. Haverá carros que, sem cavallos, correrão com uma rapidez impossivel de imaginar. Hão de construir-se apparelhos para voar, e no meio d'elles, indo o homem sentado, movendo um certo machinismo (*ingenium*), despregará as suas azas facticias, e cortará os ares, como o fazem as aves com as suas azas naturaes... Um outro instrumento servirá para tirar qualquer objecto resistente por cima de um terreno liso, e permittirá a um só homem o puxar mil pessoas contra sua vontade. Haverá um mecanismo para descer ao fundo do mar e dos rios sem o minimo accidente; apparelhos para nadar e pairar debaixo da agua. Sobre os rios se erigirão pontes sem columnas nem pégões».

É manifestamente um espirito vidente que, inspirando-se na contemplação do genio do homem, se levanta em vôos temerarios acima da sciencia do seu seculo, para descortinar em horisontes ainda nebulosos os prodigios do nosso tempo. Estes navios que vogariam sem mareantes seriam já na mente illuminada e hyperbolica do franciscano de Ilchester a adivinhação d'estes modernos colossos navaes movidos pelo vapor?

Estes carros que voariam sem que fossem tirados por cavallos seriam os wagons do nosso tempo, levando por corsel a locomotiva, este animal prodigioso, que desentranha do carvão o diamante da industria, os thesouros da humanidade democratica, como a antiguidade cifrava no diamante o carvão esteril da vaidade, a opulencia dos potentados?

[1] *Opus Majus*, part. VI, cap. I. *Scientia experimentalis à vulgò studentium penitus ignorata; duo tamen sunt modi cognoscendi: scilicet per argumentum et experientiam. Sine experientia nihil sufficienter sciri potest. Argumentum concludit, sed non certificat neque removet dubitationem, ut quiescat animus in intuitu veritatis, nisi eam inveniat via experientiæ.*

[2] *Opus Majus*, pag. 351.

[3] *De Mirabili potestate artis et naturæ libellus*. Paris, 1582, pag. 42-43.

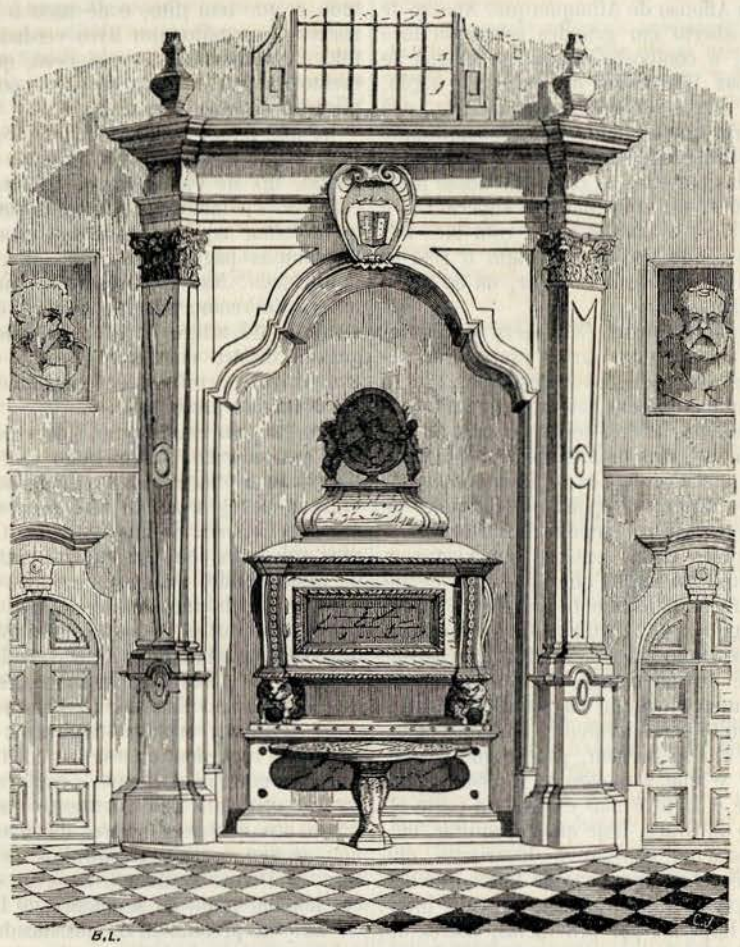
Os apparelhos para voar seriam os aerostatos, que sulcarão — quem sabe? — um dia os ares, naves onerarias do commercio futuro, talhando as nuvens como os barcos actuaes affrontam no Oceano as tempestades? Estas pontes sem abobadas seriam as pensis do nosso tempo, estradas aéreas lançadas graciosamente sobre as torrentes caudalosas?

(Continua) J. M. Latino Coelho.

LISBOA

TUMULO DE MENDO DE FOIOS PEREIRA

O monumento representado em a nossa gravura ergue-se na sacristia da egreja de Nossa Senhora da Graça, pertencente outr'ora ao convento da mesma invocação, dos eremitas calçados de Santo Agostinho,



Mausoleo de Mendo de Foios Pereira

e actualmente servindo de parochia, com o titulo de Santo André e Santa Marinha.

É um dos mais sumptuosos mausoleos que ha em Lisboa, pois que ao trabalho artistico em variados generos junta-se a riqueza dos materiaes. Terá de altura uns tres metros e meio, e é construido de excellentes marmores de diversas côres, e de bronze. O soco é de marmore branco e preto, e muito singelo. Descançam sobre elle dois leões, que sustentam em seu dorso a urna funeraria. Adorna-se esta com delicadas esculpturas, porém o seu mais bello ornamento, e que maior primor ostenta, consiste na obra de mosaico, que está guarnecendo as misulas e as molduras. O medalhão e os dois genios que o seguram, servindo de remate ao mausoleo, são de bronze, e se não podem ser citados como um primor artistico, é certo, todavia, que não nos envergonham, antes nos honram; porque dão testimunho do andiantamento em que se achava em nosso paiz este difficil ramo da arte nos principios do seculo XVIII, em que o tumulo foi construido.

Está collocado o mausoleo debaixo de um portico de ordem corinthia, em correspondencia de outro, mais nobre e mais rico, no extremo opposto da sacristia, e que serve de capella.

Jaz n'este sepulchro o corpo de Mendo de Foios Pereira, nascido em Thomar no anno de 1643, enviado á corte de Madrid por ministro de Portugal, nomeado secretario de estado por el-rei D. Pedro II em 1686, e fallecido em Lisboa em 5 de setembro de 1708.

Concederam-lhe os religiosos do convento de Nossa Senhora da Graça o jazigo na sacristia, em respeito a ter sido o reedificador d'esta casa. E com effeito desempenhou-se este fidalgo do encargo que a si tomára, fazendo a reconstrucção desde os alicerces com tamanha generosidade, que ficou a dita sacristia uma das mais grandiosas da capital. No fecho do arco, sobre o tumulo, vê-se o escudo de armas do fundador. Seu irmão, D. Fr. Antonio Botado, bispo de Hiponia, e que fôra religioso d'este convento, foi quem deu os paineis com que estão decoradas as paredes.

Existem n'esta casa duas obras de arte de bastante apreço, e são uma mesa e uma pia de agua benta, ambas de marmore, e cobertas inteiramente de lindos mosaicos, de muitas diversidades de marmores, com-

pondo mui graciosos desenhos. A mesa, destinada para a collocação dos calices durante as horas de missa, estava d'antes no meio da sacristia, e agora está junto do mausoleo sobre o degrau do portico, do modo que a mostra a nossa gravura. A pia, que esteve primitivamente na mesma sacristia, foi, ha já bastantes annos, mudada para o centro de uma pequena casa contigua.

Alguns auctores estrangeiros, tratando d'esta cidade, dizem que encerra aquelle tumulo os despojos mortaes do grande Affonso de Albuquerque. Apesar de que o epitaphio, aberto em grandes letras na face principal da urna, e composto em latim, lingua ao alcance das pessoas illustradas de qualquer nação, declare o nome e cargos da pessoa que alli jaz, não nos devemos admirar que tenham caído em similhante erro escriptores estrangeiros, pois que estamos costumados a ver tratadas por elles as coisas do nosso paiz, com raras excepções, de uma maneira superficial, e cheia de inexactidões, e muitas vezes com taes falsidades e absurdos, que nos provocariam o riso se não fossem offensivas ao nosso caracter, ou ao nosso estado de civilisação.

O que deve, porém, causar estranheza é que tenham dado voga áquelle erro varios escriptores nacionaes. Para estes não póde haver desculpa, não só por se achar o monumento bem patente a quem o quizer ver, em um edificio, aberto todos os dias ao publico, e muito visitado, mas tambem porque é notorio que o illustre conquistador de Goa, e fundador do imperio portuguez no Oriente, repoisa no convento de Nossa Senhora da Graça em sepultura tão humilde, que os pés dos frades e das pessoas que visitavam aquella casa religiosa ha muito que apagaram de sobre a lousa o nome immensamente grande e glorioso de Affonso de Albuquerque. E quiz a sorte mesquinha d'este homem, que tanto engrandeceu a sua patria, que seja ponto de duvida o logar da sua sepultura. Sabe-se que foi enterrado junto da porta da casa do capitulo, porém muito posteriormente, em consequencia de obras que alli se fizeram, parece que se mexeu na sepultura, e que removeram a ossada para outro logar. O que é facto é não existir em parte alguma do convento da Graça, hoje quartel militar, epitaphio, ou simplesmente vestigio de inscripção, que indique a lage que cobre as cinzas do heroe que deu á coroa de Portugal reis por vassallos, nações inteiras por escravos, imperios por provincias, mares dilatadissimos por dominios, e as riquezas da Asia por despojos!

I. DE VILHENA BARBOSA

VICTOR HUGO

(Conclusão. Vid. pag. 174)

XXXIII

Vive o rei dos poetas em Hauteville-house, como já dissemos, entre as pessoas que mais queridas lhe são: a esposa, os filhos, e um ou dois amigos mais intimos, os quaes póde considerar como bons irmãos e extremosos filhos, porque dedicam a Victor Hugo amor fraternal e respeito filial. Um d'estes raros amigos é Augusto Vacquerie, que junta ás qualidades que o ennobrecem razão esclarecida e animo superior.

Em Hauteville-house trabalham todos:

Francisco Victor Hugo conclue a traducção das obras de Shakspeare, trabalho de grande merecimento por ser feito com muito escrupulo.

Carlos Hugo escreve interessantes romances e tira retratos photographicos a seu pae.

Madame Hugo tem escripto e escreve a historia de seu marido.

Mademoiselle Hugo compõe encantadoras melodias, «echos mysteriosos das symphonias do ceo e do mar». Diz-se que esta menina, de notavel formosura, adora por tal modo seu pae, que, para não mudar o nome patronimico pelo do esposo, recusára sempre casar-se.

Eis o que Vacquerie refere ácerca de mad. Hugo:

«Madame Hugo escreve a vida de seu marido. Ninguem a escreveria como ella, por quanto se póde dizer que ainda não deixou seu marido. Esta senhora é testimunha de tudo o que Victor Hugo tem feito, de tudo o que tem dito, e de tudo o que tem pensado. Escreve, portanto, um livro verdadeiro nos dois sentidos, circumstanciado e sincero, que será o complemento natural da obra do poeta, porque a grande explicação da obra é a vida». [1]

Os que leram a biographia de Hippolite Castille sabem o que este escriptor, a quem aliás não falta engenho, diz de Victor Hugo, da sua pessoa e do seu caracter. Podiamos, por simples curiosidade, agrupar ou enfeixar aqui os epithetos espalhados n'aquellas pequeninas paginas dos *Portraits*, e dar-lhes nova publicidade. Não é necessario; pouparemos a isso o leitor. Em compensação, porém, daremos mais um excerpto do artigo de Pinheiro Chagas, que falla do grande mestre com a inspiração da mocidade não transviada, e com o sentimento de uma nobre alma sinceramente arrebatada:

«Poeta pela imaginação, poeta pelo coração, poeta pelo pensamento, Victor Hugo escreveu as *Orientaes* aos vinte e cinco annos, as *Folhas do Outono* aos vinte e nove, a *Lenda dos seculos* aos cincoenta e sete, os *Miseraveis* aos sessenta. Como todos os genios colossaes, que se elevam tanto acima do vulgo da humanidade, quanto as grandes montanhas se elevam acima da immensa planicie, o genio de Victor Hugo tem uma physionomia multipla, que não se estudaria completamente, se a considerassemos, obedecendo á vã mania das classificações, apenas por uma das suas faces. Em todos os grandes talentos ha o *quid divinum*, mas ha tambem o *quid humanum*. Junto dos rochedos magestosos do Himalaya a florinha humilde entrega a ridente corolla aos beijos de fogo do sol oriental. Deus consente que os seus eleitos unam aos austeros deveres da missão que lhes confiou, os imprescriptiveis direitos da nossa fragil natureza. O Divino Jesus era Deus na cruz do Golgotha, era homem junto do sepulchro de Lazaro.

«Em vão pretendem os classificadores litterarios dar a Lamartine o condão exclusivo de nos commover, a Victor Hugo o condão exclusivo de nos deslumbrar. Não associem estes dois nomes. Lamartine é um grande talento; mas Victor Hugo é um genio. O acaso da existencia, isolando o auctor de *Notre-Dame* do resto da Europa, deu-lhe o logar que lhe competia. Entre Victor Hugo e a phalange dos brilhantes escriptores do nosso seculo, ha o Oceano! o Oceano do ideal, o Oceano do sublime. Tu, Lamartine, és um mimoso poeta, és um esplendido prosador, um orador eloquente; tu, George Sand, manejas admiravelmente a linguagem franceza; tu, Feuillet, és o mais delicado e o mais suave dos romancistas; tu, Balzac, és um perfeito photographo; tu, Musset, és um espirito adoravel; tu, Dumas, és um prodigioso narrador; mas eu chamo-me Victor Hugo, *j'ai nom lion!*» [2]

XXXIV

Hauteville-house, em Guernesey, tem a apparencia modesta de uma casa ingleza; mas o seu interior foi mudado no espaço de tres annos por modo tal, que, ao entrar-se n'aquella vivenda magnifica, dir-se-ha

[1] *Profils et Grimaces*, 2.ª ed., pag. 422. Vacquerie refere-se á obra citada por nós, intitulada *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, cuja segunda parte é anciosamente esperada.

[2] *Gazeta de Portugal* anteriormente citada.

que alli é uma residencia de principes ou de fadas.

Uma publicação recentissima, porém não muito conhecida em Portugal, diz:

«Hauteville-house, a residencia de Victor Hugo, está situada no mais risonho quadro que podia idear o paizagista. Collocada no alto de uma rocha, domina a cidade, a fortaleza, e o immenso horisonte do mar onde não ha nada que pareça dever suspender o vôo do maior genio.

«Esta casa é celebre em Guernesey onde excita viva curiosidade. Contam-se d'ella maravilhas, e o mysterio que as envolve tem ficado até agora ignorado para os insulanos; dizem que esconde riquezas de mobilia dignas dos contos de fadas. A verdade é que me foi alli revelada uma obra inteiramente nova: a residencia do mestre. As salas e as galerias tem sido construidas segundo as idéas e os desenhos de Victor Hugo; n'isto empregou tres annos. Não ha peça nem grupo que não seja uma creação. As curiosidades mais raras, os moveis entalhados da meia edade e da renascença, as antigas tapeçarias, os padrões, as porcelanas colligidas pelo bom gosto, encontram-se alli com as elegancias e preciosidades venezianas e florentinas. A casa no interior (porque no exterior tem a apparencia glacial das casas inglezas) a casa, digo, é uma obra de arte cujos materiaes são tambem obras primas.

«...Descrever a casa, é já dar a conhecer o homem; e se transcrevermos as divisas e inscripções que o poeta mandou gravar nos moveis e nas paredes, e que são outras tantas linhas inéditas de Victor Hugo, soprendel-o-hemos de certo na intimidade da vida interior, mas conheceremos ainda melhor o poeta.

«Havia antigamente o justo orgulho de pendurar nas paredes os tropheus das victorias, e os brazões e armaduras dos seus progenitores, por modo que os olhos só podiam ver esses grandes exemplos; vivia-se entre elles. — Victor Hugo diffundiu na vivenda de Hauteville-house as maximas que resumem a experiencia e as provações da sua vida». [1]

Ha, em Hauteville-house, já hoje tão famosa vivenda, tres salas que chamam e prendem a attenção dos visitantes: o *salon rouge*, o *salon à manger*, e a *galerie de chêne*. Em todas ha que ver e admirar. Victor Hugo tambem póde ser considerado como um dos primeiros curiosos e antiquarios. Muitas pessoas o tem visto, nos grandes leilões da Hollanda, de Amsterdam, e da Belgica, á procura de alfaias e moveis antigos, como para testimunhar que, não obstante ser homem do futuro e do progresso, quer e sabe estimar e reverenciar o passado. Nas questões de gosto — acreditemol-o — o passado é superior ao presente. Louvemos, por isso, mais uma vez o poeta.

Vamos agora aos disticos e maximas.

Encontram-se logo no vestibulo os seguintes, como para saudar os que entram, e dar-lhes esperança de benevola e generosa hospitalidade: —«*Ave*»—«*Aime et crois*»—«*Mange, marche, prie*»— Esta ultima é á entrada da sala de jantar. Na propria sala de jantar:

L'exile c'est la vie.

Habitant des demeures périssables,
Pense à la demeure éternelle.

Post prandium stabis,
Seu passus mille meabis.
— *Vale.*

Lever á six, coucher á dix,
Diner á six, souper á dix,
Font vivre l'homme dix fois dix.

[1] *Chez Victor Hugo par un passant*, 1864, pag. 21 a 23.

N'esta sala ainda se vê uma recordação, que prova a piedade filial do poeta. Na parte superior da mesa está collocada uma poltrona, onde ninguem poderá sentar-se porque lh'o vedará uma cadeia. Por cima d'esta poltrona ler-se-ha, entre outras inscripções, a seguinte: — «*Les absents sont là*».

«Victor Hugo y voit la place des aïeux au repas de la famille». [1]

O quadro da coroação de D. Ignez de Castro, dado pelos duques de Orleans, tem logar de honra em Hauteville-house.

No chamado *salon de tapisserie*, figuram os nomes dos homens que Victor Hugo considera como principaes poetas da humanidade; taes são, de um lado: —«Job, Isaias, Homero, Eschylo, Lucrecio, Dante, Shakspeare, Molière;»— e de outro lado: —«Moysés, Socrates, Christo, Christovão Colombo, Luthero, Washington».

A *galerie de chêne* é uma especie de camara de honra para os hospedes. Vêem-se alli estas inscripções: —«*Nox, mors, lux.*»—«*Surge, perge*». E mais as seguintes:

Les dieux sont aux vainqueurs, Caton reste aux vaincus;

Gloria victis. — Væ nemini.

L'esprit souffle où il veut.
L'honneur va où il doit.

Toutes laissent leur trace au corps comme à l'esprit,
Toutes blessent, hélas! — la dernière guérit.

O hospede que entra em Hauteville-house, já se sabe que se despede d'alli com as mais agradaveis e gratas recordações. Tanto o encanta a delicadeza que o rodeia, quanto o maravilha o bello que o cérca.

No alto da casa está o quarto de Victor Hugo. Diz a obra citada:

«Collocados por sua situação no meio do mar, a maior parte dos habitantes de Guernesey seguem a vida maritima, a fim de procurar o sustento e as relações no exterior. De modo que todos os olhos estão fitos no caminho incerto ao qual pedem as riquezas do commercio, e as noticias da mãe patria e dos amigos ausentes — talvez seja até um amigo que chega.

«Explica isto ver-se em todas as casas o indispensavel mastro de signal e o *look out*, cujo nome indica melhor a sua utilidade que a palavra italiana *belvedere*. Logo que apparece um navio e assim que uma embarcação se afasta, as auriflammas do porto indicam-n'o; e no mesmo instante os signaes, repetidos de casa em casa, levam a noticia da saida ou da entrada á ilha inteira.

«A casa de Hauteville-house tem egualmente o mastro de signal, e o *look out*. — Victor Hugo escolheu para sua camara o *look out* (antes diria as trapeiras), pequeno mirante envidraçado, aberto a todos os horisontes, enorme para a alma, estreito para o corpo, encerrando, como o beliche de um capitão, tudo em espaço infimo: a pequena mesa, o papel, o tinteiro, a penna, um leito de ferro limitado e grosseiro como o leito de soldado». [2]

No jardim de Hauteville-house tambem ha inscripções. Duas d'ellas são:

Où est l'espoir, là est la paix.

Immensité, dit l'être; éternité, dit l'âme.

Tudo isto existia inedito. Sabemol-o todos hoje por-

[1] *Chez Victor Hugo*, pag 42.
[2] *Chez Victor Hugo*, pag. 64.

que o entregou á publicidade a ultima obra que temos citado.

XXXIV

Vamos concluir esta noticia recordando ainda a breve mas excellente biographia de Beauvallet.

«Victor Hugo está sempre no meio da tempestade. O combate anima-o, a lucta transporta-o; á falta dos applausos da multidão enthusiasmada e phrenetica, carece do ruido das vagas que se despedaçam contra os rochedos.

No *Look out*, que parece suspenso entre o ceo e a terra, é que o poeta escreve as suas obras primas. Trabalha quatro ou cinco horas por dia, e aos que lhe aconselham o descanço, responde: *Nulla dies sine linea*.

Depois do almoço, por volta das dez horas da manhã, passeia com seus filhos ao longo da costa.

«Trabalhâmos — diz Vacquerie — e passeâmos na ilha;... lemos duas ou tres gazetas, e conversâmos. Longa conversação da soledade a respeito do genero humano, a respeito de tudo; ácerca do que vemos e do que tornâmos a ver; ácerca da folha que brota no jardim e da idéa que germina no seculo; ácerca do futuro e do passado, do progresso e do absoluto. E sempre chegâmos a esta conclusão: a vida. A vida sob todas as fórmas, o pão para os esfaimados, a liberdade para os opprimidos, a educação para as crianças, a egualdade para as mulheres, a paz para as mães, a vida para os criminosos, a vida para os condemnados. Abolição do carrasco que decapita o homem da cabeça, e abolição do nada que decapita o homem de Deus.

«Discutimos a natureza e a alma, e o pae ensina os filhos, e os filhos ensinam o pae». [1]

Victor Hugo, continua Beauvallet, tornou-se prodigiosamente forte e vigoroso. Deve isto aos banhos do mar: toma-os quasi todos os dias. A tez bronzeada, os cabellos raros, a comprida barba, metamorphosearam-n'o inteiramente. O Victor Hugo de hoje não é o Victor Hugo de outro tempo.

Os serões, em Hauteville-house, passam-se em agradavel conversação. Ás vezes, no meio de interessante discussão, o poeta, sem fallar, afasta-se, e só apparece no dia seguinte. Durante estas ausencias, que faz o mestre? Ninguem sabe. Trabalha, sem duvida, porque elle escreve de noite; mas o poeta escreve tambem de madrugada, e, por consequencia, trabalha sempre.

Victor Hugo é rico, e tem razão para o ser. Ha onze ou doze annos lembrou-se de comprar, com as suas economias, grande numero de titulos de Bruxellas, e estes titulos, dentro em pouco, duplicaram o valor. Esta fortuna teve, porém, o condão de crear mais alguns centos de inimigos ao poeta.

Quando Victor Hugo está cançado ou enfadado de escrever, ou andar, desenha, e todos sabem que, como desenhador, tem mui original talento.

«Como quer que seja, quando falla, quando escreve, ou quando desenha, Victor Hugo é o poeta por excellencia, o grande mestre, genio universal que abrange todos os ramos da arte, immenso espelho onde reflectem todos os aspectos do bello».

XXXV

As obras de Victor Hugo traduzidas em portuguez, e na maior parte impressas em Lisboa, são: [1]

Lucrecia Borgia. É o 5.º numero do *Archivo Theatral*, impresso em 1838. Foi representada varias vezes no theatro da rua dos Condes.

[1] *Profils et grimaces*, 2.ª ed., pag. 432.

[1] Esta relação está, de certo, incompleta; mas, ainda assim, para a apurarmos, foi-nos preciso recorrer ao nosso excellente e illustre amigo Innocencio Francisco da Silva, auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

Ruy Braz, traduzido em prosa por Eduardo de Faria. — Lisboa, 1840, in-8.º

Tambem se representaram, traduzidos, *Hernani*, *Maria Tudor* e *Angelo*, porém não sabemos se estes dramas chegaram a imprimir-se. Ultimamente, o sr. João Ricardo Cordeiro Junior, auctor dramatico premiado, traduziu a *Marion de Lorme*, que, todavia, conserva inédita.

Nossa Senhora de Paris: ha diversas edições. As primeiras foram publicadas na typographia da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, em 1841, in-8.º de 538 pag., traducção de Eduardo de Faria. Em 1852 tambem appareceu in-4.º na *Bibliotheca Economica*, de que era proprietario o referido traductor.

Han de Islandia, traduzido por Miguel Antonio da Silva. — A primeira edição em 1841, tres volumes in-8.º; a segunda em 1844; e a terceira, na *Bibliotheca Economica*, in-4.º

Bug-Jargal, parece que traduzido por Pedro Cyriaco da Silva, 18..., in-8.º

Carta de Victor Hugo a lord Palmerston, secretario de estado do interior em Inglaterra, 1854, in-8.º de 14 pag. — Lisboa, typ. da *Revolução de Setembro*.

O pobre Claudio ou condemnado á morte, traduzido por F. L. Coutinho de Miranda, 1857, in-8.º de 32 pag.

Discurso pronunciado por mr. Victor Hugo na reunião politica realisada a 15 de junho 1860 em Jersey, traduzido e precedido de uma noticia por José da Silva Mendes Leal. Saiu primeiro no *Jornal do Commercio*, e foi reproduzido na *Politica Liberal*. Depois saiu em separado in-8.º

Os Miseraveis, traduzido por F. F. da Silva Vieira, 1862, Lisboa, typ. do *Futuro*, 10 vol., edição da empreza Gonçalves Lopes. — Quasi ao mesmo tempo se publicava no Porto outra edição por conta da empreza do *Commercio do Porto*, e da qual era traductor A. Rodrigues de Sousa e Silva. — No presente anno, 1864, estão annunciadas duas novas edições dos *Miseraveis*. — Tambem saiu nos folhetins do *Nacional*, do Porto.

Carta enviada ao pastor Bost, em 1862, inserta primeiramente na *Gazeta de Portugal*, e depois em appenso ao vol. x dos *Miseraveis*, edição de G. Lopes acima mencionada.

A glorificação da imprensa, discurso pronunciado em Bruxellas no banquete dado por Lacroix e Verboeckhoven, editores dos *Miseraveis*, traduzido por B. A., 1862, in-8.º de 14 pag.

No Rio de Janeiro tem-se imprimido:

Hernani, ou a honra dos castelhanos, drama traduzido em verso pelo dr. Francisco José Pinheiro Guimarães, 1863, em um volume em que se encontram outras traducções de Pope e lord Byron.

Ruy Braz, *Maria Tudor*, e talvez algum outro drama, sairam no *Archivo Theatral*, do Rio de Janeiro, 1842, in-4.º grande. Parece que as traducções são as do *Archivo Theatral*, de Lisboa.

Os Miseraveis, traducção de... Se não errâmos, esta obra ia sendo traduzida no Rio de Janeiro á proporção que se imprimia em Bruxellas.

P. W. DE BRITO ARANHA.

A PRIMEIRA MISSA CELEBRADA NA AMERICA

O primeiro sacerdote que celebrou o sacrificio da missa na America, depois de descoberta por Colombo em 1492, foi fr. João Peres, portuguez, religioso de S. Francisco. Disse a missa no porto de S. Domingos, em uma capella que o mesmo padre fabricou de ramos de arvores, collocando n'ella o Santissimo Sacramento.

I. DE VILHENA BARBOSA.